

SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS: RELEVÂNCIA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Alethéia Barbara Silveira¹, Gleiciele Silva Atahyde Mares Guia¹, Sarah Germana De Almeida¹, Bianca Lacchine Paula²

¹ Acadêmicas do curso de Enfermagem Multivix Vitória

² Docente Centro Universitário Multivix Vitória

RESUMO

A intervenção em prol da saúde mental infantojuvenil é de extrema importância para o desenvolvimento pessoal e acadêmico do sujeito. Por isso, o estudo objetivou analisar a relevância de uma equipe de multiprofissionais junto à escola e seus benefícios para a saúde mental dos alunos. Utilizando uma abordagem integrativa, a metodologia qualitativa incluiu análise de artigos aplicados aos profissionais da saúde, professores e adolescentes, dentro do espaço de tempo de 2019 a 2023. Em decorrência da pesquisa, os resultados revelaram 9 artigos com diversas abordagens teóricas e pesquisa de campo. Os autores selecionados abordaram a importância da intervenção de uma equipe multidisciplinar, a qualidade dos relacionamentos familiares e a elaboração de programas de promoção da saúde mental, como determinantes significativos para promoção de saúde mental infantojuvenil. Além disso, destacaram a importância de estratégias escolares que promovam um ambiente com foco no apoio emocional e a conscientização sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. Conclui-se que intervenções direcionadas por equipe multidisciplinar no contexto escolar são cruciais para promover uma escuta qualificada e identificar as problemáticas que envolvem a fragilidade da saúde mental desses indivíduos.

Palavras-chave: saúde mental; saúde adolescente; saúde escolar.

ABSTRACT

Intervention in favor of children's mental health is extremely important for the subject's personal and academic development. Therefore, the study aimed to analyze the relevance of a multidisciplinary team at the school and its benefits for students' mental health. Using an integrative approach, the qualitative methodology included analysis of articles applied to health professionals, teachers and adolescents, within the period of time from 2019 to 2023. As a result of the research, the results revealed 9 articles with different theoretical approaches and field research. The selected authors addressed the importance of the intervention of a multidisciplinary team, the quality of family relationships and the development of programs to promote mental health, as significant determinants for promoting mental health in children and adolescents. Furthermore, they highlighted the

importance of school strategies that promote an environment focused on emotional support and awareness of the mental health of children and adolescents. It is concluded that interventions directed by a multidisciplinary team in the school context are crucial to promote qualified listening and identify problems involving the fragility of these individuals' mental health.

Keywords: mental health; adolescent health; school health.

1 INTRODUÇÃO

A garantia da promoção da saúde mental para crianças e adolescentes dentro do ambiente escolar é carente. Esta afirmação é válida ao se analisar dados epidemiológicos no Brasil e em todo o mundo, onde é possível observar um preocupante crescimento do número de crianças e adolescentes apresentando sofrimento psíquico. Estima-se que entre 10% e 25% dessa população enfrenta desafios relacionados à saúde mental. De forma que se torna necessária a reflexão quanto ao sofrimento psíquico vivenciado por eles nessa faixa etária (FATORI et al., 2018).

No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança, criado em 1990, é considerado criança todo indivíduo com idade inferior a 12 anos e, adolescentes, pessoas que estão dentro da faixa etária de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Já para a Organização Mundial de Saúde (OMS) existe um espaçamento maior para o período da adolescência, sendo considerado a partir de 10 anos até os 19 anos (WHO, 2022).

A adolescência é um período de desenvolvimento da criança até chegar a fase adulta, sendo um período de mudanças significativas em vários aspectos, incluindo mudanças físicas, psicológicas e sociais, descrevem Antunes et al. (2022). Os autores explicam que neste período ocorre o desenvolvimento de novas conexões cerebrais e o amadurecimento do córtex pré-frontal, que está envolvido com as funções executivas, tomada de decisões e regulação emocional. Essas mudanças podem afetar a forma como os adolescentes processam informações, avaliam riscos e tomam decisões, completam os autores.

Antunes et al. (2022) explanam que essas vulnerabilidades podem ser agravadas por fatores ambientais, como estresse familiar, pressões acadêmicas e influências sociais. E que diante de tantas mudanças e necessidades de adaptações e marcos da adolescência, é de grande importância um olhar especial sobre a saúde mental deste público, pois influencia diretamente no seu bem-estar.

Conforme Camelo (2019), esse período é envolto de escolhas, fazendo com que o indivíduo vivencie instabilidade emocional, como medos e incertezas, inseguranças, provocando o aumento de confrontos e a necessidade de se afirmar. Outrossim, é a felicidade pela autodescoberta, o desenvolvimento de sua autoestima, autonomia, criatividade e amadurecimento, construindo a partir de um todo a sua personalidade. Da mesma forma, Santos e Cereli (2018) relatam que quando o adolescente fica exposto a problemas ou situações que desestabilizam sua saúde mental, ele apresenta grandes chances de sofrer prejuízos na sua capacidade intelectual, tornando-se retraídos socialmente e com baixo poder de tomada de decisão e resolução de desafios.

Diante essa perceptiva, os dados levantados pela pesquisa da UNICEF servem de alerta: pelo menos uma em cada sete crianças e jovens de 10 a 19 anos convive com algum transtorno mental diagnosticado no mundo. Sendo os casos mais comuns: depressão, transtornos de ansiedade, transtorno por uso de substâncias e transtorno de conduta. Além disso, o suicídio é a quinta principal causa de morte nessa faixa etária (UNICEF, 2022).

Tais dados, mostram-se divergentes ao conceito de saúde dado pela OMS (WHO, 2022). Segundo o órgão, saúde consiste em um estado de bem-estar integral, que vai além de apenas a ausência de doença, sendo percebida como a união dos contextos biológicos, psíquicos e sociais do ser humano, onde o ser humano é capaz de prosperar e conectar-se em interações com a família, comunidade, o ambiente e a si próprio, explicitam o órgão. Portanto, para que um indivíduo seja considerado saudável é necessário que haja uma harmonia entre essas três esferas (WHO, 2022).

Toda via, é notável o quanto, nos tempos atuais, o público infantojuvenil está mais ansioso, inseguro, agitado, estressado e imediatista, o que provoca desarmonia entre os âmbitos entendidos como partes estruturais da saúde, e demonstra o forte comprometimento e fragilidade de sua saúde mental. Essa vulnerabilidade pode impactar diretamente em sua formação, prejudicando sua vida adulta e abalando como um todo em sua forma de viver. Desse modo, é crucial que os pais e professores estejam sempre atentos aos sinais de dificuldades no enfrentamento emocional e comportamental fornecendo todo o suporte necessário (SANTOS; CERELI, 2018).

Visando uma melhor abordagem com o público infantojuvenil, e diante do fato que essa população passa um tempo considerável na escola, este local deve ser utilizado como um bom lugar de atuação para abranger diversos assuntos relacionados à saúde, entre eles a atenção que deve ser dada a saúde mental. Pensando nisso, em 2007, foi instituído o PSE (Programa Saúde na Escola), fruto da

parceria entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação. Programa este que objetiva uma melhor qualidade da saúde dos estudantes da rede pública de ensino, com ações de promoção, prevenção e atenção à saúde (BRASIL, 2007).

Assim, aspirando alcançar a melhora da saúde mental na população infantojuvenil é de fundamental importância uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais como psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, enfermeiros, entre outros, para compreender e atender às necessidades das crianças e adolescentes de maneira abrangente. Além disso, o enfermeiro, em específico, desempenha um papel importante nesse cenário, contribuindo para o cuidado holístico da população infantojuvenil (TEIXEIRA et al., 2020).

Diante disso, esse estudo tem como objetivo analisar a relevância de uma equipe de multiprofissionais junto a escola e seus benefícios para a saúde mental dos alunos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Saúde da criança e do adolescente e suas relações no ambiente escolar

A saúde infantil é uma área complexa e abrangente, que envolve uma análise cuidadosa de diversos fatores comportamentais, sociais e emocionais. Compreender e abordar os desafios relacionados à saúde das crianças requer a participação ativa e colaborativa de diferentes partes interessadas, incluindo pais, professores e profissionais da saúde. Essa abordagem integrada ajuda a identificar e tratar precocemente possíveis problemas de saúde, inclusive os de saúde mental, proporcionando às crianças um ambiente de apoio e cuidado adequado para o seu bem-estar emocional e social (SANTOS; CERELI, 2018).

Vale ressaltar que crianças com problemas familiares e com falta de educação em saúde possuem maior probabilidade de enfrentar dificuldades no contexto escolar. Uma vez que a deficiência ou falta de saúde de um aluno pode afetar em diversos aspectos do seu processo de desenvolvimento, incluindo o desempenho acadêmico, relacionamentos interpessoais e comodidade em geral (D'ABREU; MARTURANO, 2011).

Cid e Matsukura (2014) relatam que outros fatores que implicam na saúde e no bem-estar geral das crianças e adolescentes são: sofrimento psíquico, familiares disfuncionais, violência, negligência, abuso físico ou emocional, falta de apoio social, pobreza, estresse crônico, exposição a substâncias tóxicas, entre outros.

Como explicitado, a fase da adolescência de um ser humano constitui-se em um estágio de transformação entre a infância e a vida adulta. Esta torna-se um marco

no desenvolvimento demonstrado pelas modificações físicas, intelectivas e psicossociais. Este período é caracterizado pela existência de conflitos associados à identificação de identidade, pelo entendimento das mudanças corporais e pelos anseios em adquirir espaços na sociedade em que vive (EISENSTEIN, 2005; SADOCK; SADOCK; KAPLAN, 2007). Sendo, então, de grande importância dar devida atenção a esta fase visando minimizar os efeitos negativos que podem provocar, explicam Sadock, Sadock e Kaplan (2007).

Durante a adolescência os sujeitos estão obstinados a serem influenciados por terceiros e desconhecidos e não terem domínio sobre si. Diante isto, o pensamento sobre possíveis resultados que poderão surgir não é suficientemente desenvolvido neste estágio. Isso especifica, em partes, o impulso emocional e a forma de como os adolescentes se comportam, que são características de risco da fase da vida. Desse modo, as atitudes praticadas nesse período resultam diretamente em problemáticas centrais da vida adulta desse indivíduo (STEINBERG; SCOTT, 2003).

Dentro das inúmeras demandas que crianças e adolescentes possuem, as de cunho estudantis estão cada vez mais sobrecarregadas e podem levar a altos níveis de estresse, ansiedade, e até depressão, entre os estudantes. A competição, as expectativas de desempenho e a necessidade de se destacar podem criar um ambiente de grande pressão, afetando negativamente a saúde infantojuvenil. E a falta de atenção adequada à saúde nessa fase da vida pode ter repercussões significativas (CUNHA et al., 2020). Além disso, a saúde comprometida dos alunos pode levar a um aumento do risco de problemas de saúde física, dificuldade de relacionamento, isolamento social, abuso de substâncias e ideação suicida (LIMA et al., 2021).

É evidente que a escola possui um papel de suma importância para promover educação em saúde diante das problemáticas comuns na infância e na fase da adolescência. Diante disso, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação de forma conjunta, criou, em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), visando implantar promoção da saúde no ambiente escolar, pretendendo melhorar a qualidade de vida dessa população (BRASIL, 2007).

Cid et al. (2019) explicam que as instituições que usufruem do PSE devem incluir em seu projeto político pedagógico, temas das atividades sobre saúde, os quais devem ser discutidos em sala de aula pelos professores, assessorados pelos profissionais de saúde das Unidades Básicas de Saúde (UBS) de referência de acordo com a localização da escola. Contudo, os autores descrevem que mesmo com esse programa, ainda existem dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação para lidarem com alguns sofrimentos infanto-juvenis. Desse modo, a equipe escolar

recorre à estratégias pessoais, estabelecendo contato com as famílias das crianças afetadas e propõe os encaminhamentos necessários. No entanto, essas abordagens muitas vezes revelam uma demanda não atendida relacionada à falta de formação e informação para lidar com esse tipo de situação, especialmente quando se trata de crianças que apresentam sofrimento psíquico (CID et al., 2019).

Cid et al. (2019) ainda explicitam que ao promover a educação em saúde dentro do contexto escolar, e em especial na área de saúde mental, as unidades de ensino podem criar um ambiente propício ao aprendizado correlacionando a importância desta fragilidade e ajudando os alunos a alcançarem seu potencial máximo.

Em contrapartida, apesar da importância das escolas na promoção da saúde, Assis, Avanci e Oliveira (2009) esclarecem que para que se tenha a formação de uma sociedade com menores riscos de desenvolver problemas relacionados à saúde, principalmente mental, é necessário que as manifestações sejam identificadas em nível da atenção primária, isto é, nas UBS, através da Estratégia da Saúde da Família (ESF). De acordo com os autores, o conhecimento dos sinais e sintomas e o mapeamento precoce propiciam a criação de planejamentos e estratégias mais efetivas de cuidado.

2.2 Saúde mental, relações sociais e vivências infantojuvenis

O comprometimento da saúde mental durante o desenvolvimento da infância e adolescência, pode estar interligado com a área emocional e social do indivíduo, sendo considerado um caso de grande impacto na saúde pública, já que passou a ser visualizado com certo aumento na população brasileira nos últimos anos. Tal fato, vem influenciando na autopercepção de saúde dessa faixa etária, além do aumento dos gastos decorrentes em consequência do declínio da saúde mental do indivíduo. Ademais, apesar do olhar diferenciado que passou a ter para a saúde psíquica infantojuvenil, ainda existem barreiras que dificultam na identificação dos problemas mentais (SILVA et al., 2016; WHO, 2022).

Dessa forma, a maior barreira para a identificação dos problemas de saúde mental em crianças e adolescentes é a falta de compreensão sobre a temática. Perante a não identificação da presença de um problema de cunho mental, essa população tende a ser denominada, popularmente, como “criança-problema” no ambiente familiar e escolar. Esferas estas que, geralmente, têm bloqueio em ponderar que as atitudes e modos impróprios e divergentes nessa faixa etária podem ser consequências de um sofrimento. Assim, a dificuldade de abordagem no intuito de promover o bem-estar mental, tem influenciado para que muitos adolescentes sofram

em silêncio, por medo de serem mal compreendidos e reprimidos (UNICEF, 2022).

Em consequência, o sofrimento psíquico vivenciado nessa fase da vida, tende a repercutir negativamente em como será a fase adulta e velhice desse indivíduo, além do impacto causado em suas famílias e comunidade, por esse motivo é importante que esse período seja o mais saudável possível (SANTOS et al., 2018; TEIXEIRA, 2018; TEIXEIRA et al., 2020).

Qualquer problema de cunho mental, quando não tratado de forma correta, tende a acarretar baixo nível educacional, desemprego, abuso de drogas, envolvimento com criminalidade, comportamentos de risco, autolesão, distúrbios alimentares e psicológicos, saúde sexual e reprodutiva precárias, autocuidado inadequado, ideias e comportamentos suicidas, podendo levar até a efetividade de autoextermínio (PINTO et al., 2014; SOUSA et al., 2017; ESPADA; SÁNCHEZ-LÓPEZ; MORALES, 2023).

Apesar das crianças e adolescentes apresentarem sinais, de forma a evidenciar o prejuízo ao qual estão vivenciando em sua saúde mental, o estigma dos adultos dirigido a esse público e as violações aos direitos humanos a que estão sujeitos, acabam por negligenciar tais sinais, amplificando a incidência de casos nessa idade (PINTO et al., 2014; WHO, 2022).

Diante disso, diversos autores relatam o quanto é fundamental buscar conhecer o ambiente ao qual esse aluno está inserido, seus relacionamentos familiares e sociais, sendo de suma importância para conseguir detectar precocemente situações a quais ele está exposto. Visto que os fatores ambientais desempenham um papel significativo no desenvolvimento da saúde em adolescentes. Nessa perspectiva, os fatores de riscos mais comuns que podem ser observados, de forma individual ou concomitante, são: problemas familiares, abusos sexuais e físicos, violência doméstica, abuso de drogas por parte dos pais, luto, pobreza, *bullying*, exclusão social e desvantagem educacional, doenças físicas pré-existente, exposição a conflitos armados, desastres naturais e outras crises humanitárias (PINTO et al., 2014; SOUSA et al., 2017; TEIXEIRA, 2018; WHO, 2022).

Em suma, a relação dos transtornos psíquicos que acometem os adolescentes, está diretamente ligada aos sujeitos que fazem parte da rede de relacionamento desse público, relacionamentos esses que por vezes promovem uma vivência ao qual, o adolescente não gostaria de vivenciar. No âmbito escolar, o *bullying*, que é o ato do agressor cometer repetidas agressões em sua vítima, de forma a estabelecer uma relação desigual e de poder sob o outro, mostra-se participante por servir de gatilho, que ajuda no desencadeamento de outros transtornos mentais. Nessa relação, as

vítimas tendem a apresentar fragilidades emocionais e físicas, que associadas as relações extraescolares podem chegar a um âmbito de extrema exaustão (PIGOZI, 2018).

Bombardelli, Ceolin e Weber (2020) relatam que as consequências do *bullying* geralmente são externalizadas de diversas formas, como no uso de substâncias psicoativas relacionando a vontade de se encaixar em determinado meio social, na concepção familiar e no fácil acesso a essas substâncias. Além disso, adolescentes que apresentam pelos menos um problema de saúde mental tem como fator de risco a maior prevalência do uso de álcool e outras drogas na tentativa de amenizar o sofrimento (BOMBARDELLI; CEOLIN; WEBER, 2020).

Outra consequência do acometimento da saúde mental, é o acometimento de alteração do comportamento alimentar por causa da baixa autoestima, severas distorções em sua imagem corporal e agravos psicossociais. Estes levam a comportamentos compensatórios de restrição ou compulsão dos alimentos, sendo os transtornos alimentares mais frequentes: anorexia nervosa, bulimia nervosa e compulsão alimentar (FONTENELE et al., 2019; GOMES et al., 2021).

Além disso, durante esse período pode haver o desenvolvimento de depressão, que nessa idade apresenta comportamentos como: ambivalência de sentimentos, agressividade, insônia ou excesso de sono, exposição a situações de risco, isolamento social, problemas acadêmicos, problemas com a própria imagem e ansiedade. Esses comportamentos, por vezes são considerados como habituais do processo de desenvolvimento da criança até o fim da adolescência, sendo negligenciado pela sua comunidade (CALDERARO; CARVALHO, 2005).

Como consequência dessas vivências pode ocorrer também a autolesão deferida intencionalmente na pele, de forma superficial ou moderada, sem o intuito de morte, mas podendo chegar a ferimentos graves e agravamentos. Esses ferimentos podem ser realizados por meio de cortes, queimaduras, mordidas, arranhões e uso de materiais corrosivos (TARDIVO et al., 2019).

Tais ocorrências podem até mesmo, eventualmente, provocar o ato de causar a interrupção da própria vida de forma proposital, através do suicídio, usando variados métodos letais. A tendência ao suicídio está associada a presença de transtornos mentais e é um evento trágico que destrói os sonhos e alegrias que deveriam ser participantes do desenvolvimento da vida da criança e do adolescente, além de afetar sua família e a sociedade (UNICEF, 2022).

2.3 Equipe multidisciplinar na escola com foco na Saúde mental e os encaminhamentos necessários

O PSE desenvolve nas escolas ações em três componentes distintos. No primeiro componente visa realizar a avaliação das condições de saúde dos estudantes, compreendendo a coleta de dados e informações sobre a saúde dos alunos. Essa avaliação é fundamental para identificar necessidades de saúde específicas e planejar ações adequadas. No segundo componente, o foco é a promoção de saúde e a prevenção de problemas de saúde entre os estudantes. Isso envolve a realização de ações educativas, campanhas de vacinação, promoção de alimentação saudável, atividades físicas, prevenção de doenças transmissíveis e outras estratégias que visam melhorar a saúde dos alunos. No terceiro componente, o PSE busca fornecer formação e capacitação para profissionais da educação e da saúde que atuam nas escolas. Etapa esta, que inclui professores, enfermeiros, médicos, dentistas e outros profissionais envolvidos no programa (OLIVEIRA et al., 2018).

Segundo os autores Silva e Jurdi (2023) é importante reconhecer que a colaboração entre diferentes setores é crucial para abordar questões complexas, como o sofrimento psíquico em crianças, sendo fundamental promover a conscientização, a formação conjunta de profissionais de diferentes setores, a criação de políticas integradas e a alocação adequada de recursos. Além disso, é necessário romper com o estigma em torno da saúde mental para permitir uma discussão aberta e colaborativa sobre o sofrimento psíquico nas crianças, explicam os autores. Silva e Jurdi (2023) destacam que a abordagem multidisciplinar é essencial para garantir que essas crianças recebam o suporte necessário em todos os aspectos de suas vidas.

Em paralelo, diante da extensão das psicopatologias em crianças e adolescentes e suas possíveis consequências, torna-se indispensável a atuação da enfermagem para prestar assistência integral nesse campo de atuação, pondo em prática as diretrizes, legislação e políticas públicas em saúde mental vigentes. Cabendo ao profissional a realização de visitas domiciliares às famílias de alto risco, para identificar problemas e estimular boa relação intrafamiliar por meio de orientações, mudanças culturais, recomendação para participar de grupos, oficinas, consultas individuais, entre outras ações visando promover um ambiente seguro e acolhedor à criança e ao adolescente, estendendo-se à sua família (PINTO et al., 2014; SANTOS et al., 2018; TEIXEIRA, 2018).

Apesar do PSE objetivar práticas de promoção à saúde, o programa não age de forma concisa sobre a temática de saúde mental, o que faz com que os profissionais da educação tendem a lidar com o sofrimento psíquico infantil de forma solitária, enfrentando desafios na busca de soluções limitadas ao ambiente escolar. Tal fato provoca que esses profissionais da educação recorram a estratégias pessoais, além de estabelecer contato com as famílias das crianças afetadas e propor os encaminhamentos necessários. No entanto, essas abordagens evidenciam a falta de formação e informação que esses profissionais possuem para lidar com essas situações, principalmente quando há grande sofrimento psíquico (CID et al., 2019).

Essa demanda da adolescência ainda é vista por muitos como apenas um momento de transição, onde o sofrimento psíquico não é algo realmente vivenciado de forma a prejudicar sua percepção e interação com o mundo, ressaltam Gabriel et al. (2020). Os autores explicam que quando associado a falta de conhecimento e capacitação desse assunto, esses adolescentes são banalizados pelos profissionais, como se o que externalizam fosse uma forma de chamar atenção.

Por isso, é comum os profissionais se esquivarem da continuidade na atenção desse público, alegando não estarem preparados para tal serviço, indo contra as próprias diretrizes e leis vigentes no Brasil, em prol da saúde mental infantojuvenil (BRASIL, 2014; SILVA et al., 2020). Sendo assim, a capacitação dos agentes educativos para promover a saúde nas escolas é uma estratégia abrangente que pode ter impactos significativos no bem-estar físico e mental dos estudantes, proporcionando-lhes as habilidades e o apoio necessários para uma vida saudável e equilibrada (RODRIGUES, 2020).

Diante disso, o acolhimento e o vínculo das escolas com a ESF são de extrema importância para prevenir e identificar as necessidades psicossociais dessa clientela durante a assistência. Além de promover parceria com uma equipe multiprofissional, com a área da saúde e educação. A ajuda de associações e lideranças comunitárias também é importante para integrar discussões com a equipe, formando um plano terapêutico único. Esta vista amenizar o sofrimento e responder as necessidades de saúde do indivíduo, considerando o contexto e a realidade de vida da criança ou do adolescente e de sua família (BRASIL, 2011; SANTOS et al., 2018; TEIXEIRA, 2018; OCCHIUZZO; LEMOS; SILVA, 2021).

O encaminhamento de crianças com queixas escolares aos serviços de saúde mental é uma prática que se tornou muito comum devido à crescente conscientização

sobre a importância do bem-estar emocional e psicológico dos alunos, ressaltam Santos, França e Batista (2022). A colaboração entre profissionais da educação e da saúde é essencial para garantir que o encaminhamento e continuidade sejam efetivos, destacam os autores. Desta forma, abrangendo uma comunicação aberta e de compartilhamento de informações para que todos os aspectos das necessidades do aluno sejam considerados (SANTOS; FRANÇA; BATISTA, 2022).

Vale destacar que é durante a escuta que um plano de intervenção poderá ser gerado de forma singular. Por isso, para que o atendimento à criança e ao adolescente evolua é necessário que o aluno participe ativamente da elaboração e planejamento das estratégias junto a equipe e, fale sobre si. Desta forma provoca uma adoção maior por parte dele, visto que os planos de cuidados satisfarão seus anseios, promovendo o desenvolvimento psíquico que ajudará a vencer a vulnerabilidade a qual se encontra (ROSSI et al., 2019; TEIXEIRA, 2018).

Faz-se importante também que durante a implementação do plano terapêutico, a família e sua rede de relacionamentos participem da elaboração da estratégia ou auxiliem durante o tratamento, uma vez que estão em contato direto e contínuo com a criança ou o adolescente (BRASIL, 2014)

Sendo assim, são realizadas intervenções nos diversos níveis de atenção de saúde para garantir a promoção e manutenção do bem-estar mental. No serviço primário, sendo realizados nas UBS, ocorrerá o primeiro contato com o paciente, para reconhecimento das necessidades dele e posteriormente seu encaminhamento para serviços mais especializados. No serviço secundário, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), ambulatórios e Unidades de Pronto Atendimento (UPA), dão assistência especializada. Já no nível terciário, os hospitais gerais, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e CAPS disponibilizam suporte durante as crises (BRASIL, 2011).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa fundamentada por meio de uma revisão integrativa. Sendo essa definida como uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório, que busca por meio de estudos bem delineados evidenciar uma temática específica a partir do levantamento bibliográfico. Ela consiste em realizar 6 etapas, sendo elas: etapa 1 - elaboração de pergunta norteadora; etapa 2 - busca de literatura; etapa 3 - coleta de

dados; etapa 4 - integração dos estudos selecionados; etapa 5 - discussão dos resultados; etapa 6 - apresentação dos resultados (DANTAS et al., 2021).

Dessa forma o presente estudo após a delimitação do tema, fundamentou-se na identificação do problema a ser pesquisado através da seguinte questão norteadora: “como uma equipe multiprofissional assistencial pode contribuir na prevenção e combate aos impactos na saúde mental infantojuvenil?”.

O levantamento bibliográfico foi realizado através de estudos publicados na plataforma BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), onde foram escolhidas as seguintes bases de pesquisa: SciELO - Scientific Eletronic Library, PEPSIC – Periodicos Eletronicos em Psicologia, REVENF – Portal de Revistas de Enfermagem, REUFMSM – Revista de Enfermagem da UFSM e Psicologia: Teoria e Prática, no período de agosto e setembro de 2023. Os descritores utilizados foram “Saúde Mental” *and* “Saúde Adolescente” *and* “Saúde Escolar”.

Como critérios para a inclusão dos estudos consideraram-se: (1) artigos com adolescentes e/ou crianças como público-alvo, podendo haver intervenção de pais, responsáveis e/ou professores; (2) publicações abordando intervenções voltadas para a promoção e cuidados de saúde, podendo ser na perspectiva da psicologia; (3) publicados na íntegra; (4) disponível em português; e (5) obedecendo ao recorte temporal dos últimos 5 anos, ou seja, trabalhos publicados de 2019 a 2023.

Já como critérios de exclusão, elegeram-se: (1) publicações que não apresentavam os fatores de inclusão supracitados; (2) trabalhos que se mostraram repetidos na amostragem; (3) relatos de experiência; (4) teses e dissertações.

4 RESULTADOS

Após a realização da busca pelas palavras-chaves foram encontrados 30.242 estudos. Após aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão, restaram 57 artigos a qual foram avaliados em sua totalidade. Após a leitura exploratório das publicações foram selecionados 09 artigos, onde foi possível compreender a visão de diferentes autores sobre a análise da relevância de uma equipe de multiprofissionais junto a escola e seus benefícios para a saúde mental dos alunos. Os artigos utilizados estão dispostos no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Publicações de artigos por período analisado

BASE/ ANO	TÍTULO	AUTORES	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
Psicologia: Teoria e Prática/ 2023	Revisão sobre características de meninos e meninas que praticam <i>bullying</i> escolar	LEMBO et al.	Revisão da literatura	Descrever evidências sobre as características de meninos e meninas identificados como agressores(as) em situações de <i>bullying</i> .
REVENF/ 2022	A saúde mental dos adolescentes brasileiros: Pesquisa nacional de saúde do escolar de 2019	ANTUNES et al.	Transversal analítica	Descrever as prevalências dos indicadores de saúde mental entre os escolares brasileiros.
SciElo/ 2022	Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares	FERNANDES, B.F.; RUSSO, L.X.; BONDEZAN, K.L.	Transversal	Analisar a relação entre saúde mental (solidão, insônia e ausência de amigos) e substâncias psicoativas em escolares com 14 anos ou mais.
PEPSIC/ 2021	Queixa escolar: Uma análise dos encaminhamentos de alunos aos serviços de saúde	SODRÉ, E.B.; SOUSA, L.C.B.; CABRAL, B.E.B.	Qualitativo	Conhecer as concepções de educadores e psicólogos sobre o encaminhamento das crianças com queixa escolar para serviços de saúde e investigar as modalidades de atendimento a esse fenômeno.
PEPSIC/ 2020	Autolesão não suicida em adolescentes: Terapia Comunitária Integrativa como estratégia de partilha e de enfrentamento	FELIPE et al.	Qualitativa	Apreender por meio da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) os fatores relacionados à autolesão não suicida em adolescentes e à contribuição da mesma para as estratégias de enfrentamento.
REVENF/ 2020	Autolesão não suicida entre adolescentes: Significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde	GABRIEL et al.	Qualitativa	Conhecer as percepções dos profissionais da educação e da saúde acerca da autolesão não suicida em adolescentes.
REVENF/ 2020	Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores	BRITO et al.	Qualitativa	Analisar conhecimentos sobre comportamento suicida e estratégias de prevenção adotadas por professores do ensino fundamental.
SciElo/ 2020	O que facilita e dificulta a aprendizagem? A perspectiva de Adolescentes	CUNHA et al.	Qualitativa	Analisar as percepções de alunos adolescentes acerca dos aspectos que facilitam e dificultam a sua aprendizagem.
REUFSM/ 2020	Vivências de adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar	HERZOG et al.	Qualitativa	Conhecer as vivências dos adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar.

Fonte: Produzido pelos autores

O Quadro 1 mostra o resumo das informações contidas nos estudos selecionados. Sendo possível observar que o corpus final da revisão foi constituído

em 09 estudos distribuídos nas bases de dados selecionadas, sendo 03 artigos da REVENF, 02 artigos da PEPSIC, 02 artigos da SciELO, 01 artigo da REUFMS e 01 artigo da Psicologia: Teoria e Prática. Sendo, dos 09 estudos selecionados, 01 publicado no ano de 2023; 02 no ano de 2022; 01 no ano de 2021; e 05 no ano de 2020.

É possível observar, também, que os objetivos dos estudos se mostraram diversos, abordando temas como: problemas relacionados a saúde mental, a prática do *bullying*, aprendizagem e rendimento escolar, problemas emocionais e de comportamento, autolesão, a perspectiva dos professores e a intervenção do profissional da saúde.

Quanto à metodologia empregada nos artigos selecionados, 06 foram de fim qualitativo, 02 utilizaram método analítico e 01 feito de revisão de literatura.

No que diz respeito a área de atuação dos autores dos artigos, destacaram-se psicologia, enfermagem e educação, sendo todos publicados em revistas da saúde.

E em relação às abordagens, 06 estudos utilizaram de entrevistas para a coleta de dados, sendo 03 com alunos, 01 com psicólogos e professores, 01 com profissional da saúde e professores e 01 somente com professores. Enquanto os outros usaram dados para elaboração dos artigos.

5 DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo analisaram sobre o olhar de diferentes autores a necessidade da garantia da assistência à saúde mental de qualidade para crianças e adolescentes no ambiente escolar. Desse modo, essa discussão apresenta as queixas existentes quando o assunto é saúde mental e o seu manejo dentro das escolas.

Uma das queixas citadas por todos os autores foi a unanimidade ao concordarem que os relacionamentos e conflitos familiares, causam grande impacto na percepção de saúde mental infantojuvenil, sendo de grande importância a colaboração da família para que haja a promoção de saúde (Brito et al., 2020; Cunha et al., 2020; Felipe et al., 2020; Gabriel et al., 2020; Herzog et al., 2020; Sodré; Souza; Cabral, 2021; Fernandes; Russo; Bondezan, 2022; Antunes et al., 2022; Lembo et al., 2023).

Foi observado também por Felipe et al. (2020), Herzog et al. (2020) e Fernandes, Russo e Bondezan (2022) que uma família presente, em volto de um relacionamento saudável, diminui a probabilidade do uso de drogas.

Ainda na perspectiva do relacionamento do adolescente e meio familiar, Felipe et al. (2020) e Gabriel et al. (2020) apontam que o luto corrobora para o sofrimento mental. Enquanto Brito et al. (2020), Herzog et al. (2020) e Fernandes, Russo e Bondezan (2022) pontuam que a violência familiar apresenta grande significância no declínio do bem-estar mental.

Para além disso, foi possível observar como discussão dos autores, o impacto no desempenho acadêmico, onde foi visualizado como uma consequência do desequilíbrio emocional, por Antunes et al. (2022), Cunha et al. (2020) e Sodré, Souza e Cabral (2021).

Outro fator que pode impactar em como os alunos se desenvolvem nas escolas é o *bullying*, uma vez que ao sofrerem violência de seus colegas de classe se sentem subjugados a seus agressores. Em consequência, além dos problemas escolares, pode servir de gatilho para outras áreas da vida dessa criança ou adolescente (FELIPE et al., 2020; LEMBO et al., 2023).

Além disso, estudos realizados sobre saúde mental na adolescência evidenciam como o *bullying* é presente em diversos relatos de alunos e como tal violência influencia a forma como veem seus corpos, em sentir-se participante de algum grupo, bem como o anseio para aliviar-se de suas aflições e angústias (FELIPE et al., 2020; LEMBO et al., 2023). Dessa forma os profissionais da educação podem agir de perto para uma mudança nesse assunto, haja vista que o *bullying* é um fator de grande ocorrência dentro das escolas, como visualizado por Lembo et al. (2023), Felipe et al. (2020) e Brito et al. (2020).

No que diz respeito a relevância dos professores, Sodré, Souza e Cabral (2021), Gabriel et al. (2020), Brito et al. (2020) e Herzog et al. (2020) apresentaram que esses profissionais se encontram em posição estratégica para atuar na prevenção e percepção dos sinais de sofrimento mental apresentado pelos alunos. Ainda sobre esses autores, com exceção de Herzog et al. (2020), há o apontamento e discussão em relação a necessidade de capacitação para lidarem com o acolhimento dos alunos em caso de desordem mental. Dado que, os profissionais da educação, costumam visualizar a intervenção relacionada ao sofrimento psíquico apenas a área da saúde,

como demonstrado nos artigos de Herzog et al. (2020), Gabriel et al. (2020) e Sodré, Souza e Cabral (2021).

Entretanto, o próprio professor pode ter um olhar direcionado, podendo observar sinais na população estudada. No quadro 2 a seguir, está disposto sentimentos rotineiros vivenciados por crianças e adolescentes, que se repetem nos artigos selecionados.

Quadro 2: Incidência de sentimentos vivenciados pelo público infantojuvenil na amostra

Autores	Insônia	Estresse	Solidão	Abandono	Baixa autoestima	Tristeza	Ansiedade	Depressão
LEMBO et al.	-	x	x	-	x	-	-	x
ANTUNES et al.	-	-	x	x	x	x	x	x
FERNANDES; RUSSO; BONDEZAN	x	-	x	-	x	x	-	-
SODRÉ; SOUSA; CABRAL	-	x	-	x	x	x	x	x
FELIPE et al	-	x	-	x	x	x	x	x
GABRIEL et al.	-	-	-	-	-	-	x	x
BRITO et al.	x	-	x	-	x	x	-	-
CUNHA et al.	-	-	-	-	-	-	-	-
HERZOG et al.	x	-	x	-	x	x	x	x

Fonte: Produzido pelos autores

Esses sentimentos vivenciados pelas crianças e adolescentes, como exposto no quadro 2, impactam na saúde mental e/ou podem ser um reflexo do que o indivíduo tem enfrentado.

Por essa razão, o conhecimento dos profissionais sobre eles é crucial para a prevenção e o apoio aos alunos em situação de risco, devendo estar atentos a sinais de alerta, como: irritabilidade, mudanças de humor, mudança súbita de comportamento, comportamentos agressivos, alterações do sono, sentimentos negativos de si mesmo, retraimento social, e impacto significativo no rendimento escolar. Reconhecer esses sinais é o primeiro passo para ajudar um aluno em necessidade, mas por se tratar de características frequentes do período da

adolescência pode acabar dificultando o diagnóstico adequado (HERZOG et al., 2020).

Por isso, a incapacidade de diagnóstico nessas situações, torna um dos aspectos mais preocupantes e desafiadores, para realizar a identificação de um agravamento e a abordagem adequada de um adolescente em risco no ambiente escolar. Além disso, a falta de capacitação e formação continuada dos professores para a gestão e manejo de problemas relacionados à saúde mental, os tornam despreparados e com atuação rasa diante dos problemas. Dessa forma, os riscos para os adolescentes tornam-se aumentados (BRITO et al., 2020).

Dentre os agravamentos, o foco na prevenção do comportamento suicida é fundamental e isso inclui a identificação precoce de alunos em risco, bem como a implementação de estratégias para apoiá-los. É importante envolver outras redes de apoio, como amigos, profissionais de saúde mental e membros da família, esses vínculos de apoio desempenham um papel crucial no processo de recuperação e prevenção (ANTUNES et al., 2022; BRITO et al., 2020)

Dessa forma, promover a importância do aspecto emocional no contexto da sala de aula e da construção de um suporte professor-aluno é fundamental para melhorar a qualidade da educação e o bem-estar dos estudantes. As emoções desempenham um papel significativo no processo de aprendizado. Quando os alunos se sentem seguros, valorizados e emocionalmente apoiados, estão mais propensos a se engajar ativamente e a reter informações de maneira mais eficaz durante as aulas, influenciando no bom índice acadêmico (CUNHA et al., 2020).

Portanto, ao se tratar de intervenção infantojuvenil, é percebido que a atuação de uma equipe multiprofissional nas escolas é de grande importância, para promover uma escuta qualificada e elaborar estratégias que visem à promoção da saúde (Brito et al., 2020; Felipe et al., 2020; Gabriel et al., 2020; Herzog et al., 2020). Principalmente em casos que dizem respeito à autolesão e ao suicídio, assunto que também é abordado por Antunes et al. (2022), e Fernandes, Russo e Bondezan (2022).

Nessa concepção, os autores Sodré, Souza e Cabral (2021) compreendem que a presença de psicólogos nas escolas desempenha um papel fundamental na promoção da saúde mental dos alunos, na identificação precoce de problemas de aprendizagem e no apoio emocional. Quanto mais cedo estas questões forem

identificadas e abordadas, melhores serão as perspectivas de sucesso acadêmico e de bem-estar, destacam os autores.

Em contraproposta, dos 9 artigos que foram estudados, apenas o de Gabriel et al. (2020) apresenta o ponto de vista de profissionais da saúde e professores, onde esses profissionais viam como modismo e forma de chamar a atenção os problemas psicológicos relacionados a autolesão, banalizando o sofrimento do estudante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adversidades comportamentais e atribuições na aprendizagem de crianças e adolescentes são condições das quais tornam-se complexas e multideterminantes para a percepção do bem-estar geral destes indivíduos no âmbito escolar. Nesta premissa, este estudo permitiu conhecer quais as vivências do público infantojuvenil e seus anseios com relação à saúde mental fragilizada. E ainda, viabilizando uma grande preocupação por parte da escola em ofertar ajuda para esses alunos, já que os profissionais da educação se sentem perdidos quanto ao que fazer para alcançar esse público no que tange a saúde mental.

Para tanto, considera-se que os resultados encontrados nesta pesquisa auxiliam para uma análise detalhada sobre as dificuldades enfrentadas pela escola. Esses resultados possibilitam desenvolver estratégias com a ajuda de uma equipe multiprofissional, para que está em conjunto com a instituição de ensino, possam atender de forma mais precisa a demandas mais complexas.

Dessa forma, estimular a empatia por meio de rodas de conversas, fazendo com que as crianças percebam as diferentes emoções que os rodeiam, e que é normal nem todos os dias não serem bons. Assim como, encorajá-los a pedirem ajuda, oferecer uma escuta ativa com funções terapêuticas para quem precisa, acolhe-los e se dedicar a perceber o que os alunos estão vivenciando dentro e fora da sala de aula.

Vale relatar que um dificultador para a execução desse estudo foi o número reduzido de pesquisas relacionando a saúde mental com as crianças, os adolescentes e as escolas. A ausência de pesquisas relacionadas mais diretamente ao tema causa a urgência em novas indagações que relacione a criança e o adolescente, a saúde mental e a enfermagem por exemplo.

É possível concluir também que, como prática da enfermagem nesta conjectura, o enfermeiro necessita estar qualificado para escuta das crianças e adolescente a fim de elaborar ações para promoção, prevenção e intervenção em

saúde, através do apoio do PSE e da atenção primária da saúde. Bem como, observar que a escola pode ser um dos lugares mais estratégicos para abordar esses alunos, já que eles passam boa parte do tempo dentro das escolas, além de sanar os problemas de distância entre a UBS e a residência, e à falta de tempo dos pais para acompanhá-los ao atendimento de atenção básica de saúde.

Desse modo, entende-se que esta temática ainda é introdutória nos debates e especulações, contudo é emergente tornando-se uma questão de saúde pública.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, J.T. *et al.* A saúde mental dos adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019. REME - **Revista Mineira de Enfermagem**. Minas Gerais, V. 26, p. 1-8, 2022.

Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622022000100234. Acesso em: 13 set. 2023.

ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q.; OLIVEIRA, R.V.C. Desigualdades socioeconômicas e saúde mental infantil. **Revista de Saúde Pública**, n.43, ed. 1, p. 92-100, 2009.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/YgHGTdqj5qBr9ztPXqJtLTJ/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2023.

BOMBARDELLI, L.R.; CEOLIN, S.; WEBER, V.B.P.Z. O uso de substâncias psicoativas entre adolescentes e a estratégia de redução de danos: revisão integrativa da literatura. Vittalle – **Revista de Ciências da Saúde**, Rio Grande, v. 32, n.1, p. 185-196, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/9393>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 135, p. 13563, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 13 set. 2023.

_____. Presidência da República. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, **Diário Oficial da União**, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em 23 set. 2023.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria N° 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Brasília, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.htm. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

_____. Ministério da Saúde. Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos. **Conselho Nacional do Ministério Público**, Brasília, n. 1, p. 1-55, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf. Acesso em: 09 jun. 2023.

BRITO, M.D.L.S. *et al.* Comportamento suicida e estratégias de prevenção

sob a ótica de professores. **Esc. Anna Nery**, v. 4, e20200109, 2020.

Disponível em

http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400214&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2023.

CALDERARO, R.S.S.; CARVALHO, C.V. Depressão na infância: um estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 181-189, 2005.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/JLzrCdvLvXmStGxKhrnBdvn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2023.

CAMELO, L.F.F.M. **Estratégias de promoção da saúde mental em adolescentes. Orientador:** Profa. Dra. Isabel Bica. 111 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria) – Instituto Politécnico de Viseu 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/5543>. Acesso em 18 set. 2023.

CID, M.F.B. *et al.* Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Proposições**, São Paulo, v. 30, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/x46ycvnxT3msphKhJm4WvjF/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023

CID, M. F. B.; MATSUKURA, T. S. Problemas de saúde mental em escolares e seus responsáveis: um estudo de prevalência. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-10, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/56173>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CUNHA, R.S. *et al.* O que facilita e dificulta a aprendizagem? A perspectiva de adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Paraná, v. 25, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/847WmgY3kpdx4JxMtvskzXD/?lang=pt#> Acesso em: 23 set. 2023.

D'ABREU, L. C. F.; MARTURANO, E. M. Identificação de problemas de saúde mental associados à queixa escolar segundo o DAWBA. **Psico**, v. 42, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8487>. Acesso em: 23 set. 2023.

DANTAS, H.L.L. *et al.* Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. *Rev Recien*, São Paulo, v. 12 ed.37, p. 334-345, 2021. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwvjxsDnh4iCAxXrLLkGHat1D0cQFnoECAgQAw&url=https%3A%2F%2Frecien.com.br%2Findex.php%2FRecien%2Farticle%2Fdownload%2F575%2F589%23%3A~%3Atext%3D1\)%2520Identifica%25C3%25A3o%2520do%2520tema%2520e%2520Cda%2520revis%25C3%25A3o%252F%2520s%25C3%25ADntese%2520do%2520conhecimento.&usg=AOvVaw3MibpL_CW40lwzgLcFKnfU&o pi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwvjxsDnh4iCAxXrLLkGHat1D0cQFnoECAgQAw&url=https%3A%2F%2Frecien.com.br%2Findex.php%2FRecien%2Farticle%2Fdownload%2F575%2F589%23%3A~%3Atext%3D1)%2520Identifica%25C3%25A3o%2520do%2520tema%2520e%2520Cda%2520revis%25C3%25A3o%252F%2520s%25C3%25ADntese%2520do%2520conhecimento.&usg=AOvVaw3MibpL_CW40lwzgLcFKnfU&o pi=89978449). Acesso em 21 set. 2023.

EISENSTEIN, E. Adolescência: Definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, n. 2, ed. 2, p. 6–7, 2005. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

ESPADA, J.P.; SÁNCHEZ-LÓPEZ, A.; MORALES, A. Effectiveness of psychological treatments for depression in childhood and adolescence: A review of reviews. **Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes**. Espanha, v. 10, n. 1, p. 68-83, 2023. Disponível em:

https://www.revistapcna.com/sites/default/files/2265_2.pdf. Acesso em: 04 abr. 2023.

FATORI, D. *et al.* Prevalência de problemas de saúde mental na infância na atenção primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, Manguinhos, v. 23, n. 9, p. 3013–3020, set. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/fhGKyYWLvkGdjH4NMYmMvGR/abstract/?lang=pt>. Acesso em 05 jun.2023.

FELIPE, A.O.B. *et al.* Autolesão não suicida em adolescentes: Terapia Comunitária Integrativa como estratégia de partilha e de enfrentamento. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas**, [S.I.],

v. 16, n.4, p. 75-84, 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400010. Acesso em: 14 set. 2023.

FERNANDES, B.F.; RUSSO, L.X.; BONDEZAN, K.L. Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares. **Revista Brasileira de Estudo de População**, v.39, p.1-24, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/GzLh6kRSZTxffFsnpYjXRBr/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2023.

FONTENELE, R.M. *et al.* Impacto dos transtornos alimentares na adolescência: uma revisão integrativa sobre a anorexia nervosa; **Revista Enfermagem Atual In Derme**, Rio de Janeiro, v. 87, n.25, p. 1-9, 2019. Disponível em:

<https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/201>. Acesso em: 15 jun. 2023

GABRIEL, I.M. *et al.* Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. **Esc. Anna Nery**, v. 24, n. 4, p. 1-9, 2020. Disponível em:

http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400218&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2023.

GOMES, E.L.V.S. *et al.* O impacto do desenvolvimento de transtornos alimentares em adolescentes: uma revisão. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 10, n. 14, p. 1-6, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/21648>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HERZOG, F.F. *et al.* Vivências de adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 69, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/39810/pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

LEMBO, V. M. R. *et al.* Revisão sobre Características de Meninos e Meninas que Praticam Bullying Escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 3, p. 1-20, 2023.

Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/08/1451191/document.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

LIMA, C. DE A. *et al.* Ideação suicida e fatores associados entre estudantes de ensino médio e superior: uma análise hierarquizada. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 211–223, set. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/HT5wQVSjzMrWrFSWQkCBnzN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2023

OCCHIUZZO, A.R.S.; LEMOS, M.S.; SILVA, M.F.O.C. Concepções sobre saúde mental infantojuvenil de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 67- 82, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 abr. 2023.

OLIVEIRA, F.P.S.L. *et al.* Percepção de escolares do ensino fundamental sobre o Programa Saúde na Escola: um estudo de caso em Belo Horizonte, Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, n. 23, ed. 9, p. 1- 8, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/BDk6KBvzRGsrR89t9YJfB7m/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

PIGOZI, P.A. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 1-21, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2018.v28n3/e280312/>. Acesso em: 14 set. 2023.

PINTO, A.G.S. *et al.* Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 33, p. 555-564, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/yZbz4QkgvWmVY5mDrXMNhKF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2023.

RODRIGUES, A.M.F. **Necessidade de formação em saúde mental e qualidade de vida das crianças e adolescentes**. Orientador: Profa. Dra. João Duarte. 97 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola Superior de Saúde de Viseu, Viseu 2020. Disponível em: https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/6281/1/AnaMariaFerreiraRodrigues_RF.pdf. Acesso em 10 nov. 2023.

ROSSI, L.M., *et al.* Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BNyxgYRcymPMMDTkLdF5PDN/?lang=pt#>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SADOCK B.J.; SADOCK V.A.; KAPLAN, H.I. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9ªed. Porto Alegre: Artmed; 2007.

SANTOS, R.G.H.; CELERI, E.H.R.V. Rastreamento de problemas de saúde mental em crianças pré- escolares no contexto da atenção básica à saúde. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 82–90, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/4KkpDYvkQxJt579KmcPmHmqp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, L.O.; FRANÇA, V.N.; BATISTA, A.S. As Queixas Escolares e Suas Interfaces em um Ambulatório de Saúde Mental Infantil. **Estud. pesqui. psicol. (Impr.)**, Brasília, p. 1041–1061, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1428699>. Acesso em: 11 out.2023.

- SANTOS, V.C. *et al.* Atuação da enfermagem na saúde mental e psiquiátrica de crianças e adolescentes. In: Associação Brasileira de Enfermagem; KALINOWSKI, C.E.; FIGUEIREDO, K.C.; COSTA, M.F.B.N.A. **PROENF Programa de Atualização em Enfermagem: Atenção Primária e Saúde da Família**. 7. Ed. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2018. p. 37–86. Disponível em: https://portal.secad.artmed.com.br/artigo/atuacao-da-enfermagem-na-saude-mental-e-psiquiatica-de-criancas-e-adolescentes#_idParaDest-21. Acesso em: 06 abr. 2023.
- SILVA, B.V.S. *et al.* Prevalência e fatores associados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes: uma revisão sistemática. Prevalência e fatores associados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes: uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Promoç. Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 4, p. 595-601, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/issue/view/1712>. Acesso em: 23 set. 2023.
- SILVA, C.D.; JURDI, A.P.S. Saúde mental infantojuvenil e a escola: diálogos entre profissionais da educação e da saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 97–108, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/d6yhrBJKm38WK59BsbhKp8Q/#>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- SILVA, J.S.S. *et al.* O cuidar de enfermagem em saúde mental na perspectiva da reforma psiquiátrica. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2743>. Acesso em 12 jun. 2023.
- SODRÉ, E.B.; SOUSA, L.C.B.; CABRAL, B.E.B. Queixa escolar: uma análise dos encaminhamentos de alunos aos serviços de saúde. **Psicologia da Educação**. São Paulo, n. 52, p. 44-53, jun. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752021000100005. Acessos em 11 out. 2023.
- SOUSA, G.S. *et al.* Revisão de literatura sobre suicídio na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3099-3110, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/txydxpxdvnKtFhXWCJJxwxP/?lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- STEINBERG, L.; SCOTT, E.S. Less guilty by reason of adolescence: Developmental immaturity, diminished responsibility, and the juvenile death penalty. **American Psychologist**, n. 58, ed. 12, p. 1009–1018, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.12.1009>. Acesso em: 18 out. 2023.
- TARDIVO, L.S.L.P.C. *et al.* Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 159-169, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 15 jun. 2023.
- TEIXEIRA, L.A. **Protocolo de consulta de enfermagem em saúde mental para o adolescente. Orientador:** Profa. Dra. Ana Ruth Macedo Monteiro. 187 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp->

content/uploads/2022/08/protocolo-consulta- enfermagem-saude-mental-adolescente.pdf. Acesso em: 06 abr. 2023.

TEIXEIRA, L.A. *et al.* Necessidades de saúde mental de adolescentes e os cuidados de enfermagem: revisão integrativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Fortaleza, v. 29, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/sxfq53q5mHTcVrXRmmXdKSp/?lang=en>. Acesso em: 06 abr. 2023.

UNICEF. Fondo De Las Naciones Unidas Para La Infancia. **Estado Mundial de la Infancia 2021**: En mi mente: Promover, proteger y cuidar la salud mental de la infancia. Nova York: UNICEF, 2022. 262 p. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/114641/file/SOWC%202021%20Full%20Report%20Spanish.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

WHO. World Health Organization. **World mental health report**: Transforming mental health for all. Genebra: OMS, 2022. 296 p. Disponível em: <https://www.who.int/teams/mental-health-and-substance-use/world-mental-health-report>. Acesso em: 13 set. 2023.